



Pesquisa Global de Gerenciamento de Risco

Sumário Executivo

2019

Introdução

As empresas, setores e a economia em todo o mundo estão enfrentando mais riscos do que nunca antes na história. Considerando esse cenário, é preocupante o fato que muitas empresas estão relatando que não estão tão preparadas como antes.

Um importante dado que obtivemos da Pesquisa Global de Gerenciamento de Risco da Aon de 2019 é que as empresas precisam estar melhor preparadas para uma gama maior de riscos que ameaçam seu crescimento, protegendo sua marca e atendendo seus clientes e acionistas.

As principais preocupações incluem uma lenta economia, dano à reputação e à marca e a rapidez das mudanças em fatores de mercado, refletindo apreensão sobre as condições globais de comércio.

Em um ambiente econômico enfraquecido, as empresas são mais sensíveis à volatilidade, especialmente de riscos emergentes como ataques cibernéticos, interrupção dos negócios por conta de ameaças não físicas e escassez de trabalhadores qualificados. Há um menor entendimento desses riscos, assim como há menos experiência e menos dados disponíveis para lidar com eles. Consequentemente, a prontidão para o risco é a menor em 12 anos.

A Aon realiza essa pesquisa a cada dois anos para identificar os principais riscos, tendências e desafios que as empresas estão enfrentando. Ao longo dos anos, oferecemos perspectivas relevantes aos gestores de riscos, executivos de alto nível e outros líderes de negócios no desenvolvimento de estratégias eficazes para atender tanto riscos tradicionais quanto emergentes.

Desde que começamos a fazer essa pesquisa, esta foi a que teve o maior número de empresas participantes. Durante o segundo semestre de 2018, recebemos respostas de mais de 2.600 gestores de risco de 33 indústrias, representando empresas de pequeno, médio e grande porte, em operação em mais de 60 países.

Muitas empresas ainda precisam tirar proveito das novas ferramentas e abordagens que podem ajudá-las sistematicamente a identificar e avaliar os riscos, na medida que elas aumentam sua proteção e estratégias de mitigação;

- Apenas 24% dos entrevistados disseram que quantificam seus 10 maiores riscos;
- Apenas 20% usam modelos de risco;
- Entre elas, 10% disseram que não possuem um processo formal implementado para identificar os riscos.

A complexidade da situação que as empresas estão enfrentando hoje em dia é significativa. Esses desafios devem aumentar em intensidade nos próximos anos, na medida que novos riscos se tornam ainda mais proeminentes, inclusive as implicações de uma mão de obra mais envelhecida, impactos das mudanças climáticas, aumento da prevalência de ataques cibernéticos e o surgimento de tecnologias cada vez mais disruptivas.

As empresas mais eficientes abordarão esses desafios de forma mais holística, fazendo com que os líderes em toda a empresa forneçam seu ponto de vista único e experiência, de modo que eles possam ser aplicados nos dados específicos do setor e em análises preditivas para apoiar as decisões que tomarem. Essa é uma oportunidade para que mais gestores de risco liderem uma revolução rumo à real abordagem de risco na empresa.

Na Aon, estamos direcionando toda nossa força aos nossos clientes, por meio do desenvolvimento de soluções inovadoras e potencializando as capacidades analíticas e dos dados para prepará-los para o futuro. Continuaremos a parceria com nossos clientes, trabalhando juntos para melhorar o desempenho operacional, fortalecer seu balanço financeiro e reduzir a volatilidade.

Caso queiram fazer qualquer pergunta ou comentário sobre a pesquisa, ou simplesmente saber mais sobre a pesquisa, entre em contato com seu supervisor da Aon ou acesse aon.com/2019GlobalRisk.

Greg Case

Cordialmente,

Greg Case
Presidente e CEO



Sumário Executivo

A comunidade de negócios globais estava dentro de um nevoeiro e não conseguia ver além? Desde a última Pesquisa Global de Gerenciamento de Risco da Aon, em 2017, parece que uma ventania varreu esse nevoeiro para longe dos investidores por conta de uma série de incidentes, cada seu deles tendo um impacto na habilidade da economia mundial de gerir a volatilidade.

Em outubro de 2018, por exemplo, os mercados de ações caíram drasticamente: o [S&P 500](#) nos Estados Unidos acumulou US\$ 1,91 trilhões em perdas, com impactos que se espalharam em todos os setores da indústria;ⁱ o índice [Hang Seng de Hong Kong](#) caiu 10%; o índice *Shanghai Composite* da China e o *benchmark* italiano perderam 8%; e o índice MSCI EAFE, um índice das ações em 21 mercados desenvolvidos, exceto Estados Unidos e Canadá, caiu 9%.ⁱⁱ

As commodities, normalmente, são vistas como os principais indicadores do crescimento global, uma vez que elas são usadas para tudo, desde a construção de casas até o fornecimento de energia às cidades. Os preços de outubro de 2018 do óleo, gasolina, cobre e platina caíram pelo menos 20% após 52 semanas de aumentos.ⁱⁱⁱ

A reviravolta do mercado foi amplamente conduzida por uma onda de temores sobre o possível impacto do Brexit, aumento da taxa de juros norte-americana, lento crescimento da Europa, China, Japão e de muitos mercados emergentes, tensões geopolíticas e a diminuição das perspectivas de uma maior expansão econômica dos Estados Unidos.

Enquanto isso, a guerra comercial cada vez mais intensa entre os Estados Unidos e China, que se iniciou oficialmente em julho de 2018, levou o [Fundo Monetário Internacional](#) a reduzir a previsão de crescimento econômico em outubro. De acordo com os economistas do FMI, o crescimento norte-americano deve diminuir de 2,9% para 2%, em 2019, e o PIB da China deve cair 6,2%.^{iv}

“Os impactos da política comercial e a incerteza estão se tornando cada vez mais evidentes no nível macroeconômico, enquanto evidências empíricas se acumulam sobre os danos resultantes às empresas”, declarou o FMI.

Um comentarista da revista Forbes, que cobriu o relatório do FMI, [declarou](#) que “a próxima recessão pode acontecer mais cedo do que pensamos”.^v

Não é necessário dizer que a turbulência do mercado global de ações, a crise das commodities, e as previsões pessimistas do FMI e de outros economistas, tiveram um papel importante ao moldar as percepções das empresas entrevistadas sobre a economia global na Pesquisa Global de Gerenciamento de Risco de 2019 da Aon, realizada no último trimestre de 2018.

O relatório da pesquisa bial on-line da Aon coletou as respostas de 2.672 tomadores de decisão de risco de 33 setores da indústria. Entre os perfis dos participantes havia empresas de pequeno, médio e grande porte, de 60 países em todo o mundo. Aproximadamente 66% dos participantes representam o setor privado e 21%, as organizações públicas. Os demais representam os órgãos governamentais ou entidades sem fins lucrativos.

A alta participação na pesquisa de 2019 permitiu à Aon oferecer mais informações sobre as práticas de gestão de risco por meio de fatores geográficos e industriais, tendo validado os dados aplicáveis a todos os setores.

Resultados

Na pesquisa de 2019 da Aon, a **desaceleração econômica/lenta recuperação**, que foi classificada como o principal risco enfrentado pelas empresas no auge da crise financeira há 10 anos, mais uma vez, é a maior a preocupação apontada. Na verdade, dada a natureza cíclica da economia global, as 14 indústrias pesquisadas previram corretamente na pesquisa anterior que a desaceleração econômica seria seu maior risco.

Enquanto isso, a **rapidez das mudanças em fatores de mercado** subiu para a 3ª posição na pesquisa atual. Isso demonstra que a crescente volatilidade de diversos fatores de mercado interligados – políticas econômicas (UE/Reino Unido, EUA/China) e mudanças regulatórias instáveis, conflitos geopolíticos em larga escala, constantes turbulências no mercado financeiro e rápidos avanços tecnológicos – vem causando alterações sísmicas na demanda e oferta, e afetou consideravelmente as empresas em todo o mundo. Sua aparição também ilustra a rápida e até mesmo imprevisível evolução das principais preocupações de risco enfrentadas pelas empresas hoje em dia.

Os 15 Maiores Riscos

Como uma parte importante da pesquisa da Aon, foi solicitado que as empresas entrevistadas identificassem e fizessem uma classificação dos principais riscos ou desafios que enfrentam no mundo volátil atual. Nos anos anteriores, analisamos os dados e focamos apenas nas maiores empresas para ter uma discussão detalhada. Modificamos nossa abordagem este ano e expandimos nossa lista para 15 empresas, assim teremos uma visão mais ampla neste sumário.

Com base no Princípio de Pareto, 80% dos efeitos surgem de 20% das causas. Para nós, os 20% aqui equivalem, aproximadamente, aos 15 maiores riscos. Evidentemente, na lista a seguir, esses 15 maiores riscos, que estão interligados, são os mais preocupantes para os participantes da Pesquisa Global de Gerenciamento de Risco da Aon de 2019.

Os 15 Maiores Riscos Atuais	2019	2017
Desaceleração econômica/recuperação lenta	1	2
Dano à reputação/marca	2	1
Rapidez das mudanças em fatores de mercado	3	38
Interrupção de negócios	4	8
Aumento da concorrência	5	3
Ataques cibernéticos/violação de dados	6	5
Risco de preço de commodities	7	11
Risco de fluxo de caixa/liquidez	8	12
Incapacidade de inovar/atender às necessidades do cliente	9	6
Mudanças regulatórias/legislativas	10	4
Incapacidade de atrair ou reter os melhores talentos	11	7
Falha na cadeia de distribuição ou fornecimento	12	19
Disponibilidade de capital/risco de crédito	13	21
Tecnologias disruptivas	14	20
Risco político/incertezas políticas	15	9

15 Maiores riscos X Principais notícias

Ao testar essa lista em um alto nível empírico, analisamos alguns dos maiores incidentes relacionados ao risco em todo o mundo, bem como os Assuntos do Momento nas mídias sociais durante um período de 12 meses antes da conclusão da pesquisa da Aon. Ao verificar os maiores itens de risco da Aon em relação a esses assuntos virais, podemos explorar quais fatores ou eventos externos influenciam as percepções de risco dos participantes e analisar suas conexões intrínsecas.

Abaixo, encontram-se algumas das principais notícias de 2018:

- Uma grande empresa francesa do setor de laticínios fez o *recall* de 12 milhões de caixas de leite em pó para bebês em 83 países devido a um escândalo sobre infecção por *Salmonella*;
- O índice Dow Jones caiu quase 1600 pontos — a maior queda na história durante um dia de transações;
- A "Besta do Oriente" e a Tempestade Emma varreram o Reino Unido, criando perturbações severas;
- Os EUA impuseram tarifas sobre as importações de aço e alumínio, sofrendo retaliação da China, que impôs taxas semelhantes sobre 128 produtos;
- O Departamento de Justiça dos EUA acusou 601 pessoas, incluindo 165 médicos, por conta de prescrições ilegais ou distribuição de opiáceos;
- Os veículos totalmente autônomos Waymo (Google) dirigiram 8 milhões de milhas em estradas públicas sem ninguém no banco do motorista;
- A UE aprovou o Brexit da Primeira-Ministra Theresa May;
- Os EUA começaram a cobrar uma tarifa de 25% sobre 818 produtos chineses importados avaliados em US\$ 34 bilhões;
- A primeira onda de sanções dos EUA contra o Irã entrou em vigor;
- Um CEO do Banco Europeu se demitiu após escândalos de lavagem de dinheiro de mais de US\$ 234 bilhões;
- Os furacões Florence e Michael atingiram os EUA;
- Tsunami na Indonésia mata mais de 2.100 pessoas;
- A taxa de desemprego nos EUA atingiu 3,7% em setembro — o menor nível registrado desde dezembro de 1969;
- Os dados de uma grande companhia aérea foram hackeados, afetando 380.000 transações;
- Criminosos hackearam um site de um grande grupo de hotéis, roubando os dados de 500 milhões de clientes;
- O petróleo bruto norte-americano encerrou o terceiro trimestre com queda de 24,9%, a US\$ 45,41 por barril;
- Cerca de 48 deputados apresentaram Cartas de Desconfiança em relação à Primeira-Ministra Theresa May, o que provocou uma votação sobre seu mandato;
- A paralisação de 2018–19 do governo federal americano por conta do financiamento do muro na fronteira do presidente Trump durou 35 dias, a mais longa da história.

Ao comparar a lista de riscos com os maiores incidentes, vemos uma imagem clara de suas correlações. Uma série de más notícias econômicas, como a queda de 1.600 pontos do índice Dow Jones, a queda nos preços do petróleo bruto e as guerras comerciais entre a China e EUA, criaram incertezas sobre uma futura **desaceleração econômica**, aumentando as preocupações das empresas em relação ao **riscos de fluxo de caixa/ liquidez**. Além disso, as manchetes sobre a flutuação do mercado de commodities, tarifas sobre o aço e o alumínio e as renovações das sanções dos EUA contra o Irã trouxeram o **risco do preço das commodities** para o primeiro plano. Esses dois riscos — de fluxo de caixa/liquidez e dos preços das commodities — entraram novamente na lista dos 10 maiores riscos pela primeira vez desde 2013. Na verdade, essa é a segunda maior posição desde 2007 desses parâmetros, antes da crise financeira global.

A extensa cobertura da mídia sobre escândalos corporativos, como o *recall* de uma grande empresa francesa do setor de laticínios por conta da *Salmonella*, a ação do Departamento de Justiça dos EUA contra profissionais de saúde que negociavam prescrição ilegal de opiáceos, a demissão de um executivo de um banco europeu por conta de esquemas de lavagem de dinheiro, bem como várias violações maciças de dados, tornaram os participantes da pesquisa mais conscientes da exposição de suas empresas ao risco à reputação.

Dano a reputação/marca, que foi considerada a maior ameaça nas duas pesquisas anteriores da Aon, está na 2ª posição em 2019.

Entre as principais manchetes de 2018, quase 20% delas envolvia desastres naturais e situações provocadas pelo homem, que causaram graves transtornos às empresas. Elas incluíram as tempestades de inverno que atingiram o Reino Unido, o furacão Florence e o furacão Michael, que atingiram os Estados Unidos, um tsunami na Indonésia, os protestos dos Coletes Amarelos na França e a paralização do governo dos EUA.

As frequências e a gravidade desses eventos disruptivos explicam por que a **interrupção de negócios** saltou da 8ª posição em 2017 para a 4ª. Geograficamente, houve maior aumento desse risco no Oriente Médio e na África, passando da 13ª posição para a 6ª (guerras e conflitos geopolíticos). Ele manteve a 2ª posição na América Latina (turbulências políticas e desastres naturais).

Além disso, o risco de **ataques cibernéticos**, outro assunto do momento em mídias sociais, ilustra a conexão entre as notícias virais e a percepção de risco. Devido à limitação de espaço, selecionamos apenas duas notícias relacionadas à cibertecnologia para nossa lista. No entanto, se alguém pesquisar "ataques cibernéticos em 2018" no Google irá aparecer uma longa lista de notícias relacionadas, que afetaram todos os setores, desde gigantes da tecnologia, varejistas internacionais e companhias aéreas até hotéis, hospitais e agências governamentais. Hoje em dia, os participantes da pesquisa colocam os **ataques cibernéticos/violação de dados** na 6ª posição de risco que as empresas enfrentam hoje. Nos próximos três anos, prevemos que esse risco suba da 6ª para a 3ª posição.

Os ataques cibernéticos entraram pela primeira vez na lista dos 10 Maiores Riscos da Aon (na 9ª posição) em 2015 e sua importância tem crescido cada vez mais nos últimos quatro anos. Na América do Norte, os participantes colocaram esse risco como o maior. Um estudo de 2018 do **Fórum Econômico Mundial** chegou a uma conclusão semelhante. Ele mostrou que os ataques cibernéticos foram considerados a maior ameaça para as empresas nos Estados Unidos e Canadá. Isso não é surpresa.^{vi} De acordo com a **Symantec**, uma empresa global de software, os Estados Unidos foi o país mais afetado por ataques cibernéticos direcionados entre 2015 e 2017, com 303 ataques conhecidos de larga escala.^{vii}

Por fim, artigos sobre a entrada do Google na indústria automobilística através de carros sem motoristas, as bolhas do mercado de criptomoedas no setor de serviços financeiros e a tentativa do Facebook de usar a tecnologia de *blockchain* para eliminar notícias falsas na mídia despertaram o interesse das pessoas sobre **tecnologias disruptivas**, o que será discutido na próxima seção.

Novos riscos na lista dos 15 Maiores

Em geral, cerca de um terço dos riscos da Lista dos 15 Maiores são novos ou entraram novamente entre os 15. Essa mudança significativa reflete as rápidas mudanças no macroambiente em que, hoje, as empresas operam.

Como mencionamos, a pesquisa de Aon ocorreu em um momento em que o mundo estava se recuperando de crises. Duas das democracias mais antigas do mundo foram atingidas por situações de emergências nacionais – a paralisação de 1 mês do governo Estados Unidos e o caos em torno do Brexit no Reino Unido. Enquanto isso, o mercado global de ações e commodities passou por grandes volatilidade devido às tensões comerciais entre as duas maiores economias do mundo, aumento das taxas de juros e conflitos geopolíticos persistentes.

Enquanto o mercado financeiro desacelerava, houve um desenvolvimento em todo o cenário de tecnologia da informação. Em 2018, as empresas testemunharam avanços na tecnologia de agricultura robótica, manufatura digital, aplicação *blockchain*, adoção massiva da tecnologia de IA e, claro, a promulgação de novas regulamentações digitais.

Os efeitos combinados dessas amplas mudanças políticas, econômicas e tecnológicas podem ser resumidos no que a Aon chama de **rapidez das mudanças em fatores de mercado**. Na pesquisa de 2017 da Aon, esse risco estava na 38ª posição e foi previsto que ele chegasse à 32ª em três anos. No entanto, agora surge como o 3º maior risco; um recorde no aumento de importância.

Em conexão com a rapidez das mudanças em fatores de mercado, os **preços das commodities**, bem como os **riscos de fluxo de caixa/liquidez** também vieram à tona, alcançando sua segunda maior posição desde 2007. Na verdade, eles entraram novamente nos 10 Maiores Riscos pela primeira vez desde 2013. Enquanto isso, a **disponibilidade de capital/risco de crédito**, outro risco relacionado, subiu da 21ª posição para a 14ª em 2019.

Outro novo risco que merece nossa atenção é o das **tecnologias disruptivas**. Adicionado pela primeira vez como uma nova categoria de risco na pesquisa

de 2017, as tecnologias disruptivas foram da 20ª para a 14ª posição. Recentemente, o uso mais difundido de inovações disruptivas transformou radicalmente o pensamento comercial. O conceito de Indústria 4.0 torna-se uma realidade à medida que cada vez mais empresas aderem à Internet das Coisas e a ferramentas que utilizam IA, como o aprendizado de máquina e processos automatizados, para melhorar a eficiência e gerir cadeias de suprimento.

O risco de **falhas na cadeia de suprimentos**, que passou da 19ª posição, em 2017, para a 12ª, também merece ser discutido. As empresas norte-americanas participantes classificam o risco na 8ª posição; já entre os participantes latino-americanos, ele figura na 10ª posição. A acentuada subida de posição do risco de falha na cadeia de fornecimento indica a **interconectividade dos maiores riscos**.

A **desaceleração econômica/recuperação lenta** e a rapidez das mudanças em fatores de mercado vêm fazendo com que as empresas adequem sua cadeia de fornecimento rapidamente, para poder lidar com a incerteza do mercado e a pressão competitiva. A tecnologia e a digitalização melhoraram a eficiência na gestão da cadeia de fornecimento, conectando empresas através de redes, melhorando processos, avaliando novos fornecedores e permitindo que as empresas armazenem dados essenciais em meios digitais. No entanto, a interconectividade e interdependência também tornaram as cadeias de fornecimento vulneráveis a ataques cibernéticos e interferências maiores.

Por fim, como as cadeias de suprimentos estão se tornando cada vez mais globais, elas foram fortemente afetadas pelas incertezas geopolíticas. O foco na redução de estoques e em cadeias de suprimento mais enxutas ampliaram esse potencial. Por exemplo, na Ásia, que representa mais de um terço do mercado de logística contratual global (cadeias de fornecimento), as catástrofes naturais e as provocadas pelo homem representam um desafio para as seguradoras, por conta da falta de acesso fácil e da intensa competição por recursos, o que geralmente afeta a velocidade da recuperação.

Aumento da importância dos riscos que não estão entre os 15 Maiores

Envelhecimento da mão de obra e problemas de saúde vêm se tornando crescentes preocupações nas indústrias e regiões. Na pesquisa de 2019 da AON, as empresas entrevistadas colocaram **envelhecimento da mão de obra e problemas de saúde** na 20ª posição, sendo que estava na 37ª em 2017. A previsão é que esse risco suba para a 13ª posição até 2022. Além disso, 13 das 33 indústrias classificaram o envelhecimento da mão de obra entre os 10 Maiores Riscos em 2022, enquanto agências representantes do governo classificaram como sendo maior o risco.

Isso não é nenhuma surpresa. Segundo as [Nações Unidas](#), a população global com 60 anos ou mais chegou a 962 milhões em 2017. Esse número deve dobrar novamente até 2050, para quase 2,1 bilhões. O processo de envelhecimento da população é mais pronunciado na Europa e na América do Norte, onde mais de 20% da população tinha 60 anos ou mais em 2017. Outras regiões também estão chegando nesse patamar.^{viii}

Os dados demográficos da mão de obra também mudaram de forma considerável ao longo da última década. Muitas regiões registraram as maiores idades médias das forças de trabalho. Por exemplo, uma [estimativa](#) do *Bureau of Labor Statistics* nos Estados Unidos levantou que, até 2024, 25% da força de trabalho dos EUA será composta de trabalhadores com mais de 55 anos, e um terço desses trabalhadores terão mais de 65 anos.^{ix}

O envelhecimento da população e o baixo índice de desemprego agravam o cenário de escassez de talentos. Um [relatório](#) de 2018 do LinkedIn apontou que cerca de 60% dos funcionários dos EUA estão com dificuldades em conseguir preencher postos de trabalho nas últimas 12 semanas. Em todo o mundo, a **escassez de mão-de-obra** deve chegar a 85,2 milhões de pessoas até 2030, o que explicaria o motivo pelos quais o risco subiu da 30ª posição em 2017 para a 17ª na pesquisa de 2019. Indústrias como serviços financeiros, tecnologia, telecomunicações e produção serão algumas das áreas mais afetadas.^x

Além da escassez, o envelhecimento da mão de obra impõe desafios às empresas no equilíbrio dos custos com aposentadoria, saúde e outros benefícios. Numa análise de nossos próprios dados, os mais de US\$ 3 bilhões perdas incorridas indicam que trabalhadores norte-americanos com mais de 45 anos representam uma taxa média 52% maior nos custos das reivindicações de casualidade e 40% maior nos casos de litígio.

De modo geral, o envelhecimento da população, aliado à escassez de mão de obra, não apenas altera a trajetória social e econômica de um país, mas também gera volatilidade dentro de uma empresa. Caso não seja administrado, isso pode aumentar drasticamente o Custo Total do Risco da empresa, impedindo transações e criando restrições financeiras.

Riscos subestimados entre os 15 Maiores

Pela primeira vez desde o início da pesquisa da Aon em 2007, o risco **falha em atrair e reter os melhores talentos**, regularmente citado na lista dos 10 Maiores, caiu para a 11ª posição. Apesar de sua queda no ranking, a Aon acredita que atrair e reter os principais talentos deve continuar a ser uma preocupação importante das empresas. No ambiente de negócios volátil e complexo de hoje em dia, ter o talento certo é mais importante do que nunca.

Por exemplo, ao adotarem novas tecnologias e modelos de negócios disruptivos, as organizações exigem talentos em “tecnologias digitais”, que geralmente são escassos internamente, e a competição pela busca desses talentos é maior fora da empresa. Portanto, para as diversas empresas entrevistadas na pesquisa da Aon, das quais muitas são de pequeno e médio porte, há uma desvantagem na competição com grandes empresas, que oferecem salários e benefícios superiores, ou com novas empresas, que oferecem opções mais lucrativas (por meio da obtenção de ações da empresa) e chances de trabalhar em projetos de ponta. Consequentemente, as empresas que não conseguiram mudar ou melhorar rapidamente sua força de trabalho correm o risco de ser preteridas ou superadas.

Além disso, acreditamos que **as mudanças regulatórias/legislativas** também foram subestimadas na pesquisa atual. De 2007 a 2017, as mudanças regulatórias/legislativas consistentemente ocuparam uma alta posição na lista dos 10 maiores riscos da Aon. Elas caíram – talvez mais do que deviam – para a 10ª posição.

A queda no ranking foi provavelmente motivada pelos recentes esforços de desregulamentação de políticos mais voltados para o mercado e empresas em muitas partes do mundo. Por exemplo, em fevereiro de 2017, o presidente dos EUA, Donald Trump, assinou a [Ordem Executiva 13771](#), que, basicamente, determina que “o aumento total dos custos de qualquer [nova] regulamentação não deve ser maior que zero”. Um ano depois, o governo norte-americano reportou a revogação de 57 regulamentações antigas.^{xi}

Apesar dessas campanhas globais de desregulamentação, o cenário de conformidade ainda continua obscurecido pelas incertezas por conta das turbulências políticas e das eleições pendentes em muitas partes do mundo. Além disso, novas regulamentações estão se proliferando rapidamente na área das tecnologias emergentes. Por exemplo, nos Estados Unidos e na Europa, leis, regras, normas e diretrizes de segurança cibernética estão sendo propostas e aplicadas em órgãos federais, leis locais e no mundo dos negócios. Regulamentações cibernéticas complexas e que se sobrepõem correm o risco de criar maiores riscos cibernéticos.

Portanto, independentemente dos desdobramentos, as empresas hoje reconhecem que as questões regulatórias não mais representam um risco secundário, mas sim um fator especial que deve ser levado em consideração no planejamento dos negócios.

Outra categoria subestimada envolve os **riscos políticos/incertezas**. Em 2017, os entrevistados previram que esse risco estaria na 8ª posição em três anos, mas, atualmente, ocupa a 15ª. Essa classificação relativamente baixa não significa que esse risco se tornou menos importante. Isso ocorre, simplesmente, porque as organizações sentem que outros riscos são mais urgentes e têm impacto direto em suas transações.

De modo geral, as empresas tendem a ver os riscos políticos/incertezas como causas próximas ou sendo o resultado das desacelerações econômicas, da rapidez das mudanças em fatores de mercado e de mudanças regulatórias/legislativas, as quais são mais prováveis de serem mantidas com maior consideração e importância. A menos que um grande evento político atinja sua região, causando danos diretos a seus negócios, a maioria dos entrevistados, provavelmente, não os considera uma ameaça imediata.

Apesar de sua negligência percebida, acreditamos que a importância do risco político/incertezas continuará a crescer. Afinal de contas, a capacidade disponível de mercado dos seguros de risco de crédito e político cresceu em todas as áreas, e as seguradoras estão criando soluções inovadoras para responder à demanda crescente.

Riscos subestimados fora dos 15 Maiores

Fora da lista dos 15 Maiores riscos, vemos a **perda de propriedade intelectual/dados** como um risco subestimado, que surpreendentemente caiu para a 34ª posição. Entre 2011 e 2017 esse risco ficou perto da 20ª posição.

Os direitos de propriedade intelectual (direitos de PI) abrangem quatro principais áreas: marcas registradas, direitos autorais, patentes e segredos comerciais. Nos EUA, a [Comissão Americana sobre Roubo de Propriedade Intelectual](#) estima que os custos anuais da perda de propriedade intelectual variaram de US\$ 225 bilhões a US\$ 600 bilhões.

A questão da PI atraiu bastante atenção durante as intensas guerras comerciais dos EUA e da China, destacando alguns dos desafios enfrentados pelos setores globais com uso intensivo de PI. Como a China está voando como uma potência econômica, Pequim tem sido acusada de forçar as empresas ocidentais a transferir tecnologia para seus parceiros chineses em troca do acesso ao mercado do país. Em uma pesquisa recente da [Câmara Americana de Comércio](#) na China, mais da metade de seus membros relatou que o vazamento de propriedade intelectual era uma grande preocupação ao fazer negócios com a China, mais do que em outros lugares.^{xiii}

Além da China, os ataques cibernéticos constituem uma fonte importante de perdas de PI. O aumento da conectividade e a maior mobilidade de propriedade intelectual deixaram as empresas mais vulneráveis a hackers.

Com essa ampla cobertura da mídia sobre litígios de propriedade intelectual e ataques cibernéticos, por que a perda de PI ainda está numa posição tão baixa?

Há três explicações possíveis. Primeiro, a PI muitas vezes é subestimada, já que muitas empresas de pequeno e médio porte acreditam que ela está, em grande parte, no âmbito das empresas de tecnologia ou de multinacionais.

Segundo, apesar do crescimento na quantidade de casos e perdas decorrentes de ativos intangíveis e do fato da PI ser seu maior componente, atualmente, em 19,82 trilhões de dólares (capitalização de mercado da S&P em 31 de março de 2018), o valor dos ativos intangíveis ainda não é plenamente compreendido pelas organizações.

E o terceiro ponto que mencionamos é que embora seja um risco crescente, tradicionalmente a perda de PI não tem sido incluída no domínio das equipes de gestão de riscos. Acreditamos que essa situação está mudando bem rápido, mas pode ser responsável pela classificação relativa, considerando o perfil dos participantes da pesquisa.

Além disso, um risco subestimado na pesquisa da Aon é a **mudança climática**, que foi classificada na 45ª posição em 2017, mas subiu para a 31ª. Para o setor de agricultura, que depende muito do clima, calcula-se que as mudanças climáticas estarão entre os maiores riscos (3ª posição) em três anos.

Esses dados mostram que os participantes em todo o mundo estão começando a entender gradativamente a realidade da mudança climática. Os resultados da Aon foram validados por uma Universidade de Chicago e por uma [pesquisa da Associated Press](#) (AP) de novembro de 2018, em que 71% dos norte-americanos entrevistados disseram que a mudança climática se tornou um

problema grave. Historicamente, os Estados Unidos tiveram o menor grau de preocupação, apesar de ser o segundo maior país emissor de CO₂ do mundo. Na pesquisa da AP, metade dos entrevistados disse que a ciência sobre a mudança climática está é bem maior do que há cinco anos.^{xiv}

A mudança do ponto de vista é, obviamente, orientada pela atenção crescente da mídia e a frequência das condições climáticas extremas nos últimos anos.

De acordo com um relatório divulgado pelo *Media and Climate Observatory* na [Universidade do Colorado](#), a cobertura da mídia global de assuntos relacionados às mudanças climáticas atingiu seu nível mais alto em outubro de 2018, quando o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU divulgou um relatório que detalhava o impacto do aquecimento global de 1,5 °C acima dos níveis pré-industriais. Isso alcançou as manchetes internacionais.^{xv}

Enquanto isso, um número crescente de desastres naturais e eventos climáticos extremos ajudou a acelerar a aceitação por parte do público da realidade das mudanças climáticas. Em seu relatório anual de 2018, a equipe de [Impact Forecasting da Aon](#) registrou 394 catástrofes naturais. Dessas, 42 foram eventos que custaram mais de US\$ 1 bilhão. Como resultado, 2017 e 2018 tornaram-se os anos mais caros registrados, tanto para perdas econômicas apenas devido a eventos relacionados ao clima (653 bilhões de dólares) como para perdas seguradas em relação a todos os perigos (237 bilhões de dólares).^{xvi}

À medida que as mudanças climáticas se intensificam, o impacto econômico também aumenta. A Aon relatou que os prejuízos econômicos com furacões em 2017 foram quase 5 vezes a média dos 16 anos anteriores, enquanto prejuízos com outras tempestades graves registraram aumento de 60%.

Portanto, é importante que os gestores de risco consigam compreender melhor os impactos das mudanças climáticas e a dinâmica dos eventos climáticos extremos. Assim, é possível prever e gerenciar exposições de forma eficiente.

Perspectivas estratégicas

A pesquisa de 2019 da Aon atraiu o maior número de participantes desde seu início, mas a **prontidão de risco dos participantes** atingiu o nível mais baixo em 12 anos. Com condições econômicas globais voláteis e rápidas mudanças na economia digital e de compartilhamento atual, esses riscos maiores, muitos dos quais não são seguráveis ou são parcialmente seguráveis, estão se tornando cada vez mais imprevisíveis para se preparar e mitigar.

Dentre os riscos para os quais há menos preparo, o gerenciamento da incapacidade de **inovar/atender às necessidades do cliente** apresentou os maiores desafios. Sua prontidão de risco caiu 11% entre 2017 e 2019. Em uma era na qual tecnologias e novos modelos de negócios estão transformando não apenas o modo como novos produtos são criados, mas também como são consumidos, é difícil acompanhar as mudanças e, ainda mais, gerenciar os riscos de cometer erros.

Além do baixo nível de prontidão de risco das empresas, a **quantificação de risco**, a ação de mitigação menos citada, surgiu como outra de nossas preocupações. Apenas 24% dos entrevistados afirmaram quantificar seus 10 maiores riscos. Isso pode ser atribuído ao fato de que a maioria dos principais riscos não são seguráveis e são difíceis de quantificar. Contudo, à medida que mais organizações limitam seus orçamentos para a gestão de riscos em resposta a mudanças nos fatores de mercado, a quantificação é uma maneira eficaz de priorizar riscos e decidir quais ações corretivas devem ser tomadas.

Em um item relacionado, também observamos que as organizações **não estão aproveitando ao máximo os dados e análises disponíveis** para identificar questões de risco emergentes, avaliar a probabilidade e a gravidade dos eventos e determinar limites e franquias de seguro. Apenas 20% dos entrevistados em todo o mundo afirmam que utilizam modelagem de risco, e 21% adotam análise de cenário. Sem o uso de dados e análises disponíveis, as organizações ficam suscetíveis a erros de interpretação das exposições, subestimando a

volatilidade, bem como limites de seguro insuficientes ou incorretos, o que pode levar a perdas às custas de outras atividades de capacitação de negócios.

Uma tendência preocupante na pesquisa de 2019 é a identificação de riscos. Cerca de 10% das empresas pesquisadas declararam não ter **nenhum processo formalizado de identificação de riscos**. Embora isso possa ser compreensível para empresas menores ou para empresas em mercados emergentes, nossa pesquisa indica que esse também é um desafio para outras entidades. Cerca de 12% das empresas europeias e 10% das empresas norte-americanas não possuem processo formal de identificação de riscos, e uma pequena porcentagem de empresas com faturamento acima de US\$ 10 bilhões indicou que gerencia os riscos sem um processo formal.

Tendo em vista que os maiores riscos na pesquisa deste ano são menos seguráveis do que nunca, as empresas sem um processo formal de gestão de riscos correm o risco de não acompanharem seu perfil de risco em mudança e os riscos emergentes.

A pesquisa também destaca a crescente preocupação das empresas em relação ao seu portfólio de **riscos relacionados às pessoas**. Na pesquisa da Aon, nove setores da indústria avaliam a **incapacidade de atrair e reter os melhores talentos** como um dos 10 maiores riscos. De fato, os participantes que representam os setores de educação e serviços profissionais o listam como o terceiro maior risco, pois estão em extrema necessidade de pessoas com formação avançada, treinamento especial e conjuntos de habilidades avançadas.

Nos setores de produção ou serviços (produção de bens de consumo, assistência médica, madeira, mobília, papel e embalagem, usinagem e produção de metais, restaurantes, borracha, plásticos, pedras e cimento, serviços de transporte não aéreos), a **escassez de mão de obra** surgiu como um risco principal.

De acordo com o [LinkedIn](#), a indústria de produção global deverá apresentar um déficit de mais de 2 milhões de trabalhadores até 2020 e, até 2030, essa escassez poderá atingir mais de 7,9 milhões de pessoas. A perda resultante nas receitas pode chegar a US\$ 607,1 bilhões. Isso explica por que, em 2022, prevê-se que a escassez de mão de obra suba ainda mais na lista dos principais riscos para esses setores de produção e serviços.^{xvii}

Em uma questão relacionada, **o envelhecimento da mão de obra e problemas de saúde** também são os principais riscos para os setores de produção, serviços e governo. Conforme mencionado na seção anterior, o declínio das taxas de natalidade, o aumento da expectativa média de vida e a baixa taxa de desemprego levaram a uma maior pressão sobre a população em idade ativa. Uma maneira de ajudar a reduzir essa pressão seria encorajar os trabalhadores a adiar a aposentadoria e permanecer no mercado de trabalho por mais tempo, se estiverem aptos e dispostos a fazê-lo.

Em 13 dos 33 setores da indústria, a maioria dos quais relacionados à produção, serviços e governo, o envelhecimento da mão de obra está previsto para figurar entre os 10 maiores riscos em 2022.

Ao longo dos anos, temos destacado que **as diferenças nas prioridades do papel do participante** afetaram a classificação de risco e as estratégias de gestão de riscos. Isso fica ainda mais evidente no presente estudo.

Os CEOs, CFOs ou Tesoureiros tendem a classificar em colocações elevadas esses riscos com implicações financeiras concretas – desaceleração econômica/recuperação lenta, incapacidade de atrair e reter os melhores talentos e a escassez de mão de obra relacionada. Os gerentes de risco atribuíram maior importância a riscos mais tradicionais (muitas vezes, seguráveis), como interrupção de negócios, falha na cadeia de suprimentos e riscos emergentes, como danos à reputação e à marca, perda de propriedade intelectual e até as exposições cibernéticas muito analisadas. Aqui não há uma abordagem certa ou errada, mas sentimos que isso enfatiza que o risco e a volatilidade associada são desafios distribuídos por todo o empreendimento, e que adotar uma abordagem semelhante em toda a empresa para a gestão de riscos propiciará um valor cada vez maior no ambiente atual em rápida mudança. Isso também é confirmado pelo feedback dos participantes das áreas de gestão de risco em organizações que estão se tornando multidisciplinares. Vimos um aumento de 8% na quantidade de entrevistados que dizem que suas empresas participam da **colaboração multifuncional na gestão de riscos**.

Perspectivas regionais

A partir de uma perspectiva regional, também é possível observar alguma consistência, já que quatro dentre os 10 maiores riscos da lista da Aon são citados em todas as regiões – **desaceleração econômica/recuperação lenta, rapidez das mudanças em fatores de mercado, aumento da concorrência e interrupção de negócios.**

Embora o risco cibernético seja considerado a maior ameaça por organizações na América do Norte, ele nem ao menos figurou entre os 10 maiores riscos na América Latina, onde a conscientização pública permanece relativamente baixa. Pela primeira vez desde o início dessas pesquisas, vemos ataques cibernéticos/violação de dados previstos como um dos 10 maiores riscos em na América Latina em 2022.

Os participantes na América do Norte e Ásia-Pacífico continuam vendo a incapacidade de atrair e reter os melhores talentos como uma das principais ameaças, figurando na 6ª e 10ª posições, respectivamente. A América do Norte reuniu talentos de todo o mundo por causa de seu ambiente de negócios estável, inovador e que valoriza a meritocracia. No entanto, com sua atual baixa taxa de desemprego e o endurecimento das políticas de imigração, o banco de talentos está encolhendo. Na Ásia, onde multinacionais globais e empresas regionais em rápido crescimento competem por líderes experientes e os melhores recém-graduados, a escassez de talentos é ainda mais aguda.

Para os participantes do Oriente Médio e da África, existem três riscos exclusivos dessa região: **flutuação da taxa de câmbio, riscos/incertezas políticas e flutuações da taxa de juros.** Embora riscos/incertezas políticas sejam impulsionados por guerras e agitação política, as flutuações do dólar e a crescente taxa de juros nos Estados Unidos podem reduzir o crescimento e aumentar o custo dos empréstimos em países cujas moedas locais estão atreladas ao dólar, sendo que o petróleo bruto também é negociado em dólares.

Riscos projetados para 2022

Todos os anos, oferecemos aos participantes a oportunidade de avaliar seu cenário de risco futuro e projetar os cinco maiores riscos que suas organizações enfrentarão daqui a três anos.

10 maiores riscos em 2019	10 maiores riscos em 2022	Movimentação
Desaceleração econômica/recuperação lenta	Desaceleração econômica/recuperação lenta	↔
Dano à reputação/marca	Rapidez das mudanças em fatores de mercado	↑
Rapidez das mudanças em fatores de mercado	Ataques cibernéticos/violação de dados	↑
Interrupção de negócios	Risco de preço de commodities	↑
Aumento da concorrência	Incapacidade de inovar/atender às necessidades do cliente	↑
Ataques cibernéticos/violação de dados	Aumento da concorrência	↓
Risco de preço de commodities	Interrupção de negócios	↓
Risco de fluxo de caixa/liquidez	Incapacidade de atrair ou reter os melhores talentos	↑
Incapacidade de inovar/atender às necessidades do cliente	Risco de fluxo de caixa/liquidez	↓
Mudanças regulatórias/legislativas	Dano à reputação/marca	↓

A desaceleração econômica/recuperação lenta continuará no topo, enquanto a rapidez das mudanças em fatores de mercado subirá para a 2ª posição. O risco do preço das commodities, atualmente na 5ª posição, subirá para a 3ª posição.

A classificação elevada desses três riscos interligados reflete condições macroeconômicas e geopolíticas contínuas e voláteis. No momento desta publicação, a Associação Nacional de Economia Empresarial (NABE) dos EUA havia acabado de divulgar sua última [pesquisa](#) com economistas-membros. Aproximadamente 50% dos participantes acredita que a economia dos EUA, que lidera o crescimento mundial, entrará em recessão até o final de 2020, e 75% preveem tal declínio a partir do final de 2021. Além disso, mais de 90% dos economistas entrevistados disseram que as guerras comerciais e o aumento das tarifas reduzirão o crescimento econômico. No que tange políticas governamentais e novas ações legislativas referentes a impostos e gastos deficitários,

os economistas estavam divididos, assim como o resto do público americano. Com essas incertezas se aproximando, as projeções para 2022 parecem razoáveis e justificáveis.^{xviii}

Para 2022, há uma queda que pode ser considerada surpreendente. O risco de danos à reputação/marca, que consistentemente manteve colocações elevadas em pesquisas anteriores, deve cair para a 10ª posição. Presumimos que, na ocasião da resposta, as empresas poderiam estar mais preocupadas com os riscos que ameaçavam diretamente seus resultados financeiros durante momentos econômicos difíceis do que exposições menos tangíveis, que são mais difíceis de quantificar. A visão da Aon é que essa exposição é subestimada e as empresas precisam explorar proativamente maneiras de quantificar e avaliar suficientemente os riscos à reputação existentes e potenciais, e decidir sobre as melhores soluções para evitá-los ou mitigá-los.

Um cenário de risco em evolução

Os resultados da pesquisa de 2019 da Aon apresentam fortes evidências de que o ambiente macroeconômico dinâmico em curso continuará impactando os modelos de negócios e as principais preocupações de risco para as organizações. Nossa pesquisa enfatizou que a gestão de risco precisa continuar evoluindo no mesmo ritmo como uma abordagem e função em toda a empresa, em vez de ser fragmentado.

Paralelamente, os futuros gerentes de risco devem continuar redefinindo e expandindo suas funções para garantir que os riscos sejam identificados, avaliados e tratados de forma integrada em toda a organização. Não é preciso dizer que os mercados de seguros também precisam responder proporcionalmente, com produtos e serviços que atendam às necessidades do cenário de risco em mudança de seus clientes.

Vivemos em uma era de mudanças em velocidade sem precedentes, em que o passado não é mais uma fonte confiável para prever o futuro. Para gerenciar os riscos atuais e antecipar os desafios de amanhã, as empresas precisam aproveitar o poder dos dados e da análise. Aquelas que adotarem o que estiver à disposição para criar insights significativos e acionáveis estarão um passo à frente.

Na Aon, acreditamos que a crescente disponibilidade de insights sobre riscos específicos ao segmento e ao setor da indústria, derivada do aumento do uso de dados e análises, é fundamental para os consultores de risco, corretores e executivos de seguros atenderem e anteciparem as necessidades atuais e futuras dos clientes, bem como para desenvolver soluções inovadoras que ajudem a gerenciar a volatilidade, reduzir riscos e aproveitar oportunidades.

Classificação de Risco da Pesquisa Global de Gerenciamento de Risco

■ parcialmente segurável ■ não segurável ■ segurável

1 Desaceleração econômica/recuperação lenta	2 Dano à reputação/marca	3 Rapidez das mudanças em fatores de mercado	4 Interrupção de negócios	5 Aumento da concorrência
6 Ataques cibernéticos/violação de dados	7 Risco de preço de commodities	8 Risco de fluxo de caixa/liquidez	9 Incapacidade de inovar/atender às necessidades do cliente	10 Mudanças regulatórias/legislativas
11 Incapacidade de atrair ou reter os melhores talentos	12 Falha na cadeia de distribuição ou fornecimento	13 Disponibilidade de capital/risco de crédito	14 Tecnologias/ inovações disruptivas	15 Riscos/incertezas políticas
16 Flutuação cambial	17 Risco de concentração (produtos, pessoas, fatores geográficos)	18 Escassez de mão de obra	19 Crédito da outra parte	20 Envelhecimento da mão de obra e problemas de saúde
21 Danos materiais	22 Riscos ambientais	23 Desastres climáticos/naturais	24 Responsabilidade de terceiros (incl. E&O)	25 Falha tecnológica/falha de sistemas
26 Falha crítica do projeto	27 Falha no plano de recuperação de desastres/continuidade de negócios	28 Acidentes com funcionários	29 Falha na implementação ou na comunicação da estratégia	30 Volatilidade do valor de ativos
31 Mudanças climáticas	32 Absenteísmo	33 Fusão/aquisição/reestruturação	34 Perda de dados/propriedade intelectual	35 Flutuação da taxa de juros
36 Volatilidade geopolítica*	37 Maior encargo e consequências da governança/compliance	38 Globalização/mercados emergentes	39 Sustentabilidade/responsabilidade social corporativa	40 Recall de produtos
41 Impacto da economia digital*	42 Impacto do Brexit*	43 Infraestrutura tecnológica insuficiente para as necessidades comerciais	44 Responsabilidade do Conselho e da Gerência	45 Plano de sucessão inadequado
46 Escassez de recursos naturais/disponibilidade de matéria-prima	47 Fraude	48 Exigências do GDPR*	49 Aumento dos custos com saúde*	50 Comportamento antiético
51 Terceirização	52 Roubo	53 Distribuição de recursos	54 Distância entre gerações de força de trabalho*	55 Terrorismo/sabotagem
56 Segurança e Farmacovigilância*	57 Volatilidade dos preços das ações	58 Peculato	59 Impacto da Inteligência Artificial (IA)*	60 Risco de pandemia/crises na área de saúde
61 Assédio/discriminação	62 Débito soberano	63 Fundo do plano de pensão	64 Desigualdade salarial entre gêneros*	65 Impacto da tecnologia Blockchain
66 Sequestro e resgate	67 Extorsão	68 Promoção de uso off label*	69 Impacto das criptomoedas*	

*Indica pela primeira vez novos riscos à Pesquisa Gerenciamento de Gestão de Risco de 2019.

Fontes

- i Ron Carson, *A Look Back At 10 Of The Top Financial News Stories Of 2018*, *Forbes*, 23 de dezembro de 2018
- ii Matt Egan, *October was a horrible month for stocks*, *CNN Business*, 31 de outubro de 2018
- iii Fred Imbert, *Dow plunges 600 points as Apple leads tech rout*, *CNBC*, 12 de novembro de 2018
- iv Associated Press, *U.S. economy likely to slow this year, IMF says*, 21 de janeiro de 2019
- v Randy Brown, *The Next Recession Could Happen Sooner Than We Think*, *Forbes*, 9 de outubro de 2018
- vi Chloe Tayler, *Cyber-attacks, weak government, and energy shocks pose biggest risks to firms, WEF finds*, *CNBC*, 12 de novembro de 2018
- vii Rob Sobers, *60 Must Know Cybersecurity Statistics for 2019*, *Varonis*, 28 de março de 2019
- viii United Nations, *World Population Aging, 2017*
- ix Gene Marks, *Employers must prepare for an ageing workforce – or face unexpected costs*, *The Guardian*, 30 de dezembro de 2018
- x Samantha McLaren, *These Industries Will Face the Biggest Talent Shortages by 2030*, *Linked-in, Talent Blog*, 24 de julho de 2018
- xi Office of Information and Regulatory Affairs, *Regulatory Reform Results for Fiscal Year 2018*
- xii Sherisse Pham, *How much has the U.S. lost from China's IP theft?*, *CNN*, 23 de março de 2019
- xiii Sunny Oh, *Why is the U.S. accusing China of stealing intellectual property?*, *MarketWatch*, 6 de abril de 2018
- xiv Associated Press, *Is the Public Willing to Pay to Help Fix Climate Change?* Novembro de 2018.
- xv Media and Climate Change Observatory, *2018 Year End Retrospective*, *University of Colorado, Boulder*, 2018
- xvi Aon, *Weather, Climate & Catastrophe Insight, 2018 Annual Report*, 22 de janeiro de 2019
- xvii Samantha McLaren, *These Industries Will Face the Biggest Talent Shortages by 2030*, *Linked-in, Talent Blog*, 24 de julho de 2018
- xviii Martin Crutsinger, *Will the US fall into a recession by the end of 2020? Half of business economists think so*, *Associated Press/USA Today*, 25 de fevereiro de 2019

Metodologia

A presente pesquisa baseou-se em aspectos qualitativos e quantitativos. Gestores de risco, CROs, CFOs, tesoureiros e outros profissionais ofereceram feedback e opiniões baseadas em suas administrações relativas a seguradoras e gestão de riscos, interesses e preocupações.

O Aon Centre of Innovation and Analytics realizou, adquiriu e tabulou as respostas fornecidas. Outros especialistas em seguro e áreas industriais da Aon ofereceram análises de apoio e auxiliaram na interpretação das informações.

Todas as respostas individuais serão mantidas em sigilo, tendo sido divulgado somente valores consolidados no presente estudo. Alguns valores percentuais podem não somar exatos 100% devido ao arredondamento ou pelo fato dos participantes poderem selecionar mais de uma resposta. Todos os valores financeiros são expressos em dólares americanos.

Contatos

Referente ao relatório

Rory Moloney

CEO
Consultoria de Risco Global
Aon
rory.moloney@aon.co.uk

Dr. Grant Foster

Diretor Administrativo, Reino Unido
Consultoria de Risco Global
Aon
Grant.Foster@aon.co.uk
+44.20.7086.0300

Richard Waterer

Diretor Administrativo, EMEA
Consultoria de Risco Global
Aon
richard.waterer@aon.com.uk
+44.20.7086.3263

George M. Zsolnay

Vice-Presidente
Corretagem EUA
Aon
george.zsolnay@aon.com
+1.312.381.3955

Tina Reschke

Diretora de Marketing
Consultoria de Risco Global
Aon
tina.reschke@aon.co.uk
+44.20.7086.0384

Assessoria de imprensa

Ellen Barry

Vice-Presidente
Diretora Global de Comunicações
Aon
ellen.barry@aon.com
+1.312.381.2140

Madeleine Little

Diretora Sênior
Comunicações Corporativas, Aon Reino Unido e EMEA
madeleine.little@aon.co.uk
+44.20.7086.0347

Sobre Consultoria de Risco Global da Aon e Centros Aon para Inovação e Análise

Com mais de 1300 profissionais distribuídos em mais de 50 países, a consultoria de risco da Aon plc oferece soluções para gestão de riscos especialmente desenvolvidas para otimizar os perfis de risco de seus clientes. Nosso conjunto de serviços inclui consultoria de riscos; administração de riscos e ações; e administração de fundos cativos. A equipe de consultoria da Aon ajuda os clientes a compreenderem e aperfeiçoarem seu perfil de risco. Isso é obtido com a identificação e qualificação dos riscos existentes, prestando suporte com a seleção e implementação da transferência de riscos, soluções de retenção e mitigação de riscos e ao garantir a continuidade das operações através de consultoria.

Fundados em 2008, os Centros de Inovação e Análises da AON (ACIA) são os alicerces dos investimentos globais de US\$ 350 milhões em análise da Aon. Nossas equipes em Dubai, Cracóvia e Cingapura oferecem perspectivas com base em dados, que reduzem a volatilidade de nossos clientes e os ajudam na maximização do desempenho.

Como proprietários de um dos maiores repositórios de dados de risco e colocação de seguros, analisamos o fluxo de prêmios global da Aon para identificar soluções inovadoras que oferecem perspectivas de mercado com base em fatos. Nossa plataforma digital integrada traz insights para nossos clientes, para seguradoras e colaboradores. Nós impulsionamos os resultados através do processamento das informações recebidas diretamente de corretores e outras fontes, para oferecermos análises úteis sobre todas as áreas de risco, aposentadoria e saúde.

Nossa equipe com mais de 240 colaboradores nos ACIA pelo mundo varia desde atuários até cientista e analistas de dados, desenvolvedores, arquitetos e engenheiros de dados, entre outros. Somos um centro de inovação global, que adota a mentalidade Aon United, trazendo o melhor da Aon para nossas soluções.

Sobre a Aon

Aon Plc (NYSE: AON) é uma empresa global líder de serviços profissionais, que oferece ampla gama de soluções em riscos, benefícios e saúde. Nossos 50 mil colegas em 120 países potencializam resultados para clientes utilizando dados e análises proprietários para fornecer perspectivas inovadoras, que reduzam volatilidade e melhorem desempenho.

© Aon plc 2019. Todos os direitos reservados.

As informações aqui contidas e as declarações expressas são de natureza geral e não se destinam a abordar as circunstâncias de qualquer indivíduo ou entidade em particular. Apesar dos nossos esforços em fornecer informações precisas e consultar fontes que consideramos confiáveis, não podemos garantir que tais informações estejam atualizadas na data em que forem recebidas ou que permaneçam válidas no futuro. Não utilize tais informações sem um aconselhamento profissional adequado ou sem uma análise aprofundada da situação.

www.aon.com

GDM01732